

# O Dasein da sexualidade: Uma proposta de diálogo entre Freud, Lacan e a analítica existencial heideggeriana

*The Dasein of the sexuality: a propose of dialogue between Freud, Lacan and Heidegger's existential analytic*

DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/ek.2014.5751>

Dr<sup>a</sup>. Fabíola Menezes Araújo  
**confabulando@gmail.com**  
Universidade Federal do  
Rio de Janeiro

Lacan formula o conceito de *Dasein* da sexualidade a partir da tematização do caso Dora. No mesmo ano em que Jean Beaufret, grande admirador e pesquisador da obra de Heidegger, entra em análise com ele, o psicanalista francês realiza uma intervenção onde traz à baila mais uma vez a seguinte tese: de que no devir humano há uma preponderância da sexualidade. Chamar-se-á sexualidade algo que situa o ente que somos em uma constante tensão entre *Eros e Thanatos* — termos freudianos que datam de 1920 e que permitem a compreensão do amor erótico e da pulsão de morte como inerentes à condição humana. A preponderância da sexualidade, segundo Lacan, ressoa fundamentalmente nos modos como cada ordenação simbólica se constitui, e isso dialeticamente, no sentido de re-ativar o recalçado. Conceito caro à clínica psicanalítica desde o seu nascimento, o recalçado se orienta a partir da oportunidade do ver e do fazer ver a participação em acontecimentos repetitivos na ordenação simbólica, na história, de cada ser. Esses acontecimentos, que por se repetirem são abordados pela via do retorno do recalçado, são tratados por Lacan como indícios de que o Dasein que somos se orienta antes de mais nada por acontecimentos que se repetem e a respeito dos quais pouco se sabe. Discutimos essa proposta enquanto apropriação da analítica existencial heideggeriana também junto à noção de derrelição.

## **PALAVRAS-CHAVE**

derrelição. retorno do recalçado. Dasein da sexualidade.  
o caso Dora. verdade

Lacan brings the concept of *Dasein* of sexuality from the overview of the Dora's case. In the same year that Jean Beaufret, admirer and researcher of Heidegger's work is analysed by Lacan, the French psychoanalyst makes one intervention where he brings the following psychoanalytical thesis: that in the way that happens the human entity the sexuality is predominant. Calls sexuality something that locates the human entity in a tension between *Eros and Thanatos* — freudian's terms from 1920 and that allows the comprehension from the erotique love and the death pulsion as inherents to the human condition. The predominance of sexuality, according to Lacan, also echoes in the ways that each symbolic ordination realizes it self, and that in dialectic, in the sense of activate, each time, the repressed. Important concept of the psychoanalytic Clinique since the beginning, the repressed is orientated by the seeing and the showing the participation of repetitive events in the symbolic ordination that constitutes the history of each patient. We discuss this proposal as one realization of a singular appropriation of Heidegger's existential analysis also together with the appropriation of the concepts of derrilition.

**KEYWORDS**

the character of being trough. the return of the repressed.  
the Dora's case. truth

## 1. O Dasein da sexualidade

É vasta a bibliografia que trata das diferenças e distâncias que separam a analítica existencial heideggeriana e a psicanálise, tanto a criada por Freud quanto a versada por Lacan. Os próprios autores tratam de frisá-las, o pensador alemão nos *Seminários de Zollikon* (2009, em especial p. 33) e Lacan em especial no *Seminário XI - os quatro conceitos fundamentais de psicanálise* (capítulo 16, 1964/1988). Desejamos seguir um caminho diferente — pretendemos aqui investigar um conceito capaz de amalgamar instâncias tão diversas quanto o *Dasein* - fruto do acontecimento enquanto manifestação do ser, - e a sexualidade - noção tematizada em proximidade com o termo "erótico" de Freud.

Para responder à pergunta acerca de como Lacan chega à concepção dessa entidade singular – o *Dasein* da sexualidade – e de que modo essa entidade se diferencia do *Dasein* cujos existenciais *Ser e Tempo* é responsável por explicitar, é preciso trazer à tona suas bases essenciais, elaboradas ao longo da década de 1950. Além disso, é oportuno retomar a analítica existencial de Martin Heidegger a fim de localizar aquilo que na elaboração lacaniana culminará na consideração do *Dasein*, o ser-aí, como realização da sexualidade<sup>1</sup>. Lacan realiza uma apropriação não só do conceito mais célebre de Heidegger, como também do conceito de jogado a partir de uma retomada do caso Dora. O psicanalista chega a congregiar modos de pensar antagonísticos e que, no entanto, se harmonizam em seu por vezes hermético vocabulário. A leitura da obra de Heidegger que Lacan leva a cabo se realiza em um primeiro momento entre 1951 e 1955 quando o psicanalista lê *Carta sobre Humanismo* (1949/1962) e formula os planos do simbólico, imaginário e real. A criação destes planos mantêm certa analogia com a maneira como o plano do Ser é abordado na Carta que Heidegger endereça a Jean Beaufret. O plano do Ser, nas palavras de Heidegger — “(...) nós somos sobre um plano em que há principalmente o Ser. (...) O Ser e o plano são

---

<sup>1</sup> Freud trata da sexualidade especialmente em “Além do Princípio do Prazer” (1920/ 2006, p. 125). Como dito no resumo, esse termo é trabalhado a partir do antagonismo entre *Eros* e *Thanatos*, isto é, do antagonismo que acomete as dimensões do amor erótico e da pulsão de morte. Trata-se essa última de uma “via sem inteligência” (idem, p. 123), enquanto o amor erótico é trabalhado pela via da sublimação. Freud nos convida a ler Platão. No “Banquete” é dito sobre *Eros* que este “não caminha sobre o chão, nem mesmo sobre os crânios, mas sobre aquilo que há de mais brando: a maneira de ser, o caráter (*ethos*), bem como a alma (*psique*) de homem e deuses.” Segundo Platão, pois, o amor erótico é um acontecimento que envolve o plano divino e que foge “de caracteres rudes”. “Este deus faz sua morada naqueles que encontra brandos. Assim, ele possui aspecto úmido, prova-o o fato de que ele não poderia tudo envolver, nem penetrar e sair de toda alma tão secretamente, se sua constituição fosse seca (...) acerca da virtude pertencente a *Eros*: (...) pela violência o deus não cede, já que a violência não o alcança, e nem age, uma vez que todo homem de bom acordo lhe serve. Quanto à temperança, todos estão de acordo quanto a ser esta o domínio sobre prazeres e desejos, e nenhum prazer ser maior que o amor.” (PLATÃO, Banquete, 195e, apud. FRANCALANCI, Carla, 2005, p. 97-98).

o mesmo” — será re-formulado por Lacan de modo que os planos do simbólico, do imaginário e do real, centrais em sua obra, possam ter lugar. Para que um plano se mantenha, é preciso que o outro se apresente, e assim dialeticamente, de modo a tornar possível a dialética do inconsciente. Apesar da distância que separa os planos lacanianos do plano do Ser, defendemos que Lacan herdou o conceito de “plano” da *Carta* sobre a qual a maioria dos intelectuais franceses se atêm nesta mesma época. No entanto, já em sua tradução da conferência *Logos*, Lacan faz questão de frisar a diferença entre a sua abordagem e o pensamento filosófico *strictu sensu*. Isto na medida em que opta por traduzir a palavra “Alles” (Tudo) da conferência em questão por “todas as coisas” (*toutes les choses*) ao invés de ‘totalidade’. Este detalhe já aponta as diferentes vias que tomarão a filosofia de Heidegger e a psicanálise de Lacan no que tange ao conceito de *Dasein*. Na analítica existencial, o *Dasein* é tratado como totalidade temporalizante que se situa, a cada vez, na tensão entre o seu ‘aí’ e o poder-ser que é o seu; já sob o estilo de Lacan, o *Dasein* não será uma totalidade mas um acontecimento a partir do qual ressoam significantes, justamente “todas as coisas”, metáforas do modo de arranjo da sexualidade que constantemente se reorganiza entrelaçando os planos do imaginário, simbólico e real. Eis como situamos a origem na noção de *Dasein* da sexualidade. Agora vamos encaminhar o modo como alguns conceitos são traçados por Lacan até culminar no conceito em questão.

## 2. As relações imaginárias, a derrelição e a experiência da morte

Lacan reflete sobre um conceito caro à analítica existencial – o conceito de *Geworfenheit* – em *Mito Individual do Neurótico*:

O sujeito tem sempre uma relação antecipada com a sua própria realização, que o reenvia a si mesmo, e a um plano de profunda insuficiência, e testemunha nele uma fenda, uma dilaceração (*déréliction*) originária, um abandono, para retomar o termo heideggeriano. É por este fato que em todas as relações imaginárias, o que se manifesta é uma experiência de morte. Experiência sem dúvida de todas as manifestações da condição humana, mas que surge muito especialmente no vivido do neurótico. (Lacan, 1953, p. 73/74)

Lacan localiza-se junto a uma noção de sujeito herdeira da crítica que Heidegger lança à metafísica moderna em *Ser e Tempo*. Apesar de utilizar-se da noção de sujeito, o psicanalista desloca-o para um plano onde a linguagem - o *Logos* - vêm a se mostrar de modo a destituir, a cada vez, o ser que fala de qualquer pretensa autonomia. Nos chistes, nos sonhos, no delírio são onde o tesouro do significante, “a dilaceração, a fenda” se mostra, deixando ver o inconsciente. Podemos, assim, dizer que apesar de utilizar-se do conceito de sujeito, o psicanalista não pensa em um sujeito autônomo, mas sim em um sujeito que apenas ao auscultar o próprio desejo pode vir a traçar as linhas de um vir a ser mais autêntico.

Lacan credita a origem de seu pensamento, em parte, a Heidegger (LACAN, 1988a, p. 341/ 342) e não a outro teórico que, por exemplo, participe da tese da intersubjetividade como fundamento primeiro de nós mesmos. Podemos ter acesso ao porquê do psicanalista dar preferência ao pensador alemão se levarmos em consideração a sua colocação:

é absolutamente irreduzível na função do verbo ser, a função pura e simplesmente copulativa. (...) Coloquemos a questão – a que momento e por que mecanismo o ‘tu’, tal como o definimos como pontuação, modo de enganchamento de significante indeterminado, chega à subjetividade? (idem).

O psicanalista, aqui, faz menção ao parágrafo 33 de *Ser e Tempo* onde está em jogo a compreensão de que o verbo ‘ser’ não pode ser reduzido à simples função copulativa ou predicativa de síntese entre ‘sujeito’ e ‘objeto’. Para Lacan, a função copulativa do verbo ser está aquém do que é capaz de evocar o verbo em questão. ‘Ser’ se faz presente em cada horizonte de significação, quando somos instados a responder, “enganchados” por um ‘tu’, ou simplesmente quando somos levados a ler um significante que se anuncia. Nisso podemos ver o porquê de Lacan preferir o pensamento de Heidegger em detrimento de teóricos da ‘intersubjetividade’: tanto para Heidegger quanto para Lacan, todo acontecimento é partícipe de um sentido, ainda que de um sentido apenas latente, que solicite uma interpretação. Cabe ressaltar ainda que somente a obra de Heidegger dá abertura à configuração de um ‘sistema significacional’ tal como Lacan irá elaborar sem, ao mesmo tempo, restringir esse sistema a um horizonte significacional predeterminado, isto é, sem restringi-lo a compreen-

sões nem simplesmente dadas, nem circunstanciais, nem tampouco absolutas ou ideais. Somente Heidegger dá a Lacan condições de se abrir a sentidos por vir, abertos esses a múltiplos significados. A própria ‘dilaceração originária’ (*déréliction*), traduzida por ‘jogado’ ou ainda por ‘lançado’ na versão brasileira de Ser e Tempo, pode vir a ser interpretada de múltiplas formas. Estas trazem consigo um passado. Na obra de Heidegger, “assumir ‘a derrelição’ significa” ser “autenticamente no estado em que ele (*o ser-aí*) *sempre já era*” (Heidegger, 1927,1976, 325). O *Dasein* tomado enquanto derrelição é fundamentalmente fruto de uma indeterminação fundamental que acontece na temporalidade sob o risco de deixar de ser. Cabe investigarmos precisamente a questão da dimensão temporal que o ser-aí “sempre já era” junto ao acontecimento da derrelição.

Tal dimensão temporal revela-se no ‘sendo’ a partir do ‘tendo sido’ que, por sua vez, vem a ser direcionado a partir do futuro, isto é, da antecipação. No instante da decisão antecipadora (*vorlaufende Entschlossenheit*) (Idem, p. 305), o ser-aí se joga em direção ao seu poder-ser mais próprio. Nesse poder-ser, o caráter da decisão antecipadora se evidencia, a um só tempo, como reunindo futuro – o ‘vir a ser’ (ao ter-se em vista o poder-ser) – e passado – o que já se é.

Ao estudarmos a analítica existencial somos convidados a trilhar os passos que levaram Heidegger a assumir a derrelição ou o ‘caráter de jogado’ como determinação essencial do ser-aí: a partir da perspectiva de que os utensílios primeiramente se mostram como presentes à vista (*Vorhandenheit*) somos levados a pensar o ser-aí como um ente que deixa os outros entes dele se aproximarem. No vocabulário heideggeriano a palavra ‘essência’ não remete a um princípio imutável. Essência diz respeito ao que já é e é passível de continuar sendo enquanto nomeado, isto é, enquanto existindo, ‘sendo’. ‘Essência’ remete-nos ao ser do ente a partir do único lugar junto ao qual necessariamente depreende-se uma constância: junto à linguagem que acolhe o ente e o deixa revelar-se como tal. É em razão de ser abertura que os outros entes podem se aproximar do ser-aí. Na abertura (*Unverborgenheit*), traduzida por Lacan como *desvelamento*, se dá mundo. É por ser jogado em possibilidades herdadas que ao ser-aí são ofertadas outras possibilidades com as quais esse ser tem que aprender a lidar. Heidegger ressalta, por sua vez, que mundo, a um só tempo, não pode ser tematizado sem que percamos de vista seu caráter de ente “não presente a vista”. ‘Mundo’ é, antes, o mesmo acontecimento que o ser-aí. Tratá-lo como ‘ente presente à vista’ é descosiderar seu caráter extraordinário: a perspectiva surpreendente de que quando a abertura se dá ela já é, e isto ininterruptamente. Heidegger ressalta que ao ser-aí é negada, pois, a possibilidade de ver o mundo como ‘mundo’: esse ente é sempre já jogado em possibilidades existenciais

que o levam a retornar, a cada vez, à antecipação de possibilidades que imediatamente vêm a ser. Em outras palavras, o futuro que se atualiza é constituído apenas por possibilidades já lançadas que esse ser é levado a ser. Isto é mundo: as possibilidades a partir das quais decide-se o destino de cada ser-aí. Com o termo ‘jogado’, Heidegger acentua, por fim, a dimensão fática como o lugar em que o ser-aí sempre já é e tem de ser.

Lacan se apropria do termo *Geworfenheit* de maneira bem particular: se Heidegger evoca com o caráter de ‘jogado’ a facticidade em que ser-aí já é e tem de ser, Lacan ressalta junto a esse conceito que o ser que busca tratamento se joga em ‘relações imaginárias’ fruto de uma relação antecipada para com a sua própria morte. Isto é, se Heidegger tem em vista refletir a partir do conceito de *Geworfenheit* sobre a facticidade como um lugar em que o ser-aí *é e tem de ser*, Lacan se apropria deste termo para caracterizar como o neurótico se joga imaginariamente quando acossado pelo retorno do recalcado. A partir da noção de ‘derrelição originária’, Lacan, pois, oferece uma leitura diferente da abordagem da analítica existencial heideggeriana no que diz respeito ao conceito em baila: no caso do “vivido do neurótico” é na tentativa de captar a própria “morte” que esse ser passa a percorrer imaginariamente as possibilidades de apreender a “realização” de seu próprio ser.

A pertinência da leitura lacaniana é debitária da analítica existencial heideggeriana no seguinte sentido: ao abordar a derrelição como um fenômeno originário, o psicanalista tem a intenção de captar o ‘real’, o traumático<sup>2</sup>. Nessa captação uma proposta muito cara à analítica existencial está em jogo: destacar a angústia, e, sobretudo, o seu atravessamento, como capaz de evidenciar a

---

2 Segundo Lacan, o real se apresenta senão em relação ao simbólico e ao imaginário. Isto confere ao real certa ambivalência. O ‘objeto *a*’ é fruto dessa ambivalência e expõe isso no seguinte sentido: o objeto *a* é em parte fruto de um momento em que o ‘eu’ tenta se subtrair ao perigo de castração (em termos da segunda tópica freudiana, o eu tentaria se subtrair à hostilidade de seu ‘super-eu’ e se realizar eroticamente). Ao mesmo tempo, esse perigo se coloca no âmbito dos significantes que, se interpondo à presença da coisa, a mantém nos limites determinados pelo mesmo perigo da castração. De outro modo, é o próprio perigo de castração que termina por conferir à coisa seu estatuto de ente ‘real’. O problema, no entanto, só começa quando o ‘eu’ é levado a uma conformação naqueles significantes (o que Freud circunscreve como papel do ‘super-eu’ – Sobre isso, vide: HOFFMANN, C. “O sujeito e seus modos de gozo”. In: *Ágora* (Rio J.), Jun. 2012, vol.15, no.1, p.9-13, artigo disponível em <http://www.scielo.br/pdf/agora/v15n1/v15n1a01.pdf>, acesso em 20/09/2012) que se interpõem à realização erótica. Desse modo, o perigo de castração, assumindo um controle sobre o eu, o subtrai na verdade a possibilidade de realização erótica, imobilizando-o, ao mesmo tempo, em uma conformação imaginária. Nessa perspectiva, é o simbólico finalmente quem expulsa o real do registro do que ‘pode ser’. O real, então, reaparece, sob a forma dos signos de linguagem quando o sujeito não o reencontra senão como algo angustiante e que, no entanto, não para de se inscrever (Lacan, 1960, 1966, p. 388). Cabe ao tratamento analítico, ao dar lugar à fala, fornecer ao sujeito a oportunidade de se deparar com isso que não para de se inscrever, de modo que, via simbolização, seja possível cunhar as bases do advento de uma fala verdadeira.

manifestação do ser. Enquanto para Heidegger a angústia é a única tonalidade afetiva capaz de despertar o ser-aí para a sua destinação originária (na medida em que se angustia o ser-aí se retira do falatório (*Ge-rede*) e se libera para sua destinação); para Lacan, a angústia é o sinal de um encontro com o que causa. Essa mesma “coisa” que causa é tanto capaz de levar ao recalçamento quanto ao retorno do recalçado. Revestido em significantes que causam a angústia, o encontro em questão é antes uma dinâmica de escamoteamento do real que cabe servir à elaboração analítica. Para Lacan a angústia é causada por significantes que abrem e fecham o inconsciente, e que cabe ao Dasein da sexualidade desvelar. Via realização imaginária, no deixar ver e no fazer ver a participação em acontecimentos de origem traumática, o real pode ser auscultado. Se “o sujeito tem sempre uma relação antecipada para com a sua própria realização” é porque vislumbra o seu próprio ser se realizando em situações que fogem ao seu controle e que são capazes de fazê-lo se deparar com “um plano de profunda insuficiência”. Esse plano não é tomado pela psicanálise como um plano a ser evitado. Assim como traz a analítica existencial, ao deixarmos a angústia ser vamos ao encontro de nossa destinação. Ao se deparar com esse plano, que tende a ser evitado, o horizonte da “revelação do ser” pode se mostrar: “O que não é nada mais que a condição primordial para que do real alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser, ou, para empregar a linguagem de Heidegger, seja deixado-ser (*laissé-être*)” (Lacan, 1960, 1966, p. 388).

Conquista-se com a prática de se deixar algo de real se oferecer, a possibilidade de se suprassumir uma situação em que não se conquistava a simplicidade de deixar o Ser se manifestar.

### 3. O encontro com o traumático e o horizonte de manifestação do Ser

No ‘neurótico’ e na ‘histérica’<sup>3</sup> se revela a seguinte ambiguidade: o encontro com o traumático, sob o modo de realizações imaginárias, os afasta da possibilidade de um encontro pleno com o horizonte de manifestação do ser.

---

3 As duas principais neuroses de transferência são a histeria e a neurose obsessiva, que podem ser esquematicamente opostas sobre certo número de características, por exemplo, quanto ao objeto de desejo preeminente e quanto à dialética colocada em obra em função do Outro: na histeria, o seio que simboliza a demanda feita ao Outro, na neurose obsessiva as fezes que simbolizam a demanda feita pelo Outro. Distinguem-se também quanto à condição determinante do surgimento da angústia: perda de amor na histeria e angústia com relação ao super-eu na neurose obsessiva.

Ao mesmo tempo, essas realizações não têm outra origem senão o próprio horizonte em questão. Em ambas as neuroses trata-se dos sintomas obliterarem a realização de um próprio e ao mesmo tempo deixarem vestígios do tesouro do significativo, ou seja, daquilo que é capaz de situar-se frente à pulsão de morte em proveito do amor erótico. Será na medida em que o encontro com o traumático, que equivale à morte, apresenta o dito plano de ‘profunda insuficiência’, que também será possível auscultar-se o modo como o desejo já vem atuando. A ausculta do desejo nasce, nesse sentido, do encontro capaz de exacerbar o caráter da finitude inalienável a todo ente humano. Poderá ser providenciada, assim, uma elaboração possível ao retorno do recalçado, elaboração essa que seja capaz de gerar uma “fala verdadeira” (la parole pleine). Além disso, será a partir do que leva à derrelição que a manifestação do ser, neste caso, do ser-aí (Dasein) enquanto destinação de um próprio poderá ser providenciada.

Há neste desdobramento algo que pode soar paradoxal: Lacan é levado a compreender o retorno do recalçado como algo que, de início, afasta tanto o ‘neurótico’ quanto a ‘histérica’ de uma possibilidade autêntica de descoberta do traumático. Isto que, de outro modo, também os remete a um contínuo horizonte de afastamento da manifestação do Ser, será, no entanto, capaz de providenciar outra destinação para o que habitualmente irrompe como sintoma. Em outras palavras: Lacan apresenta a lógica do ‘retorno do recalçado’, ao qual se segue a ‘descoberta do traumático’ de maneira tal que nos permite compreender que se trata de converter o que causa o sintoma em construções de uma análise. Na situação analítica, o papel da lógica do inconsciente é gerar no ‘neurótico’ uma experiência de morte que provoque o retorno do recalçado. Esse retorno deve servir à elaboração linguageira de modo a causar uma situação outra. Ao mesmo tempo, não é senão sob o signo da manifestação do ser que tem lugar a morte. Como retorno do recalçado provocado pelo encontro com o traumático essa morte deverá servir ao desvelamento do desejo. Para ilustrar essa lógica do desvelamento do desejo que tem lugar no âmbito do retorno do recalçado, Lacan nos convida a investigar um caso clássico da literatura psicanalítica – o caso Dora. (Lacan, 1956, 1966, 1992, p. 215). Na leitura desse caso, a questão da verdade como manifestação do inconsciente se coloca definitivamente na obra do psicanalista.

#### 4. A verdade como manifestação do inconsciente a partir do caso Dora

Assim como Heidegger, Lacan trava uma relação singular com o que irá chamar de ser-aí da sexualidade em 1960 e com a verdade enquanto desvelamento. O psicanalista expõe o que chama de três “reversões dialéticas” como seguidas de três “desdobramentos da verdade” do seguinte modo: os ‘desdobramentos da verdade’ se referem à manifestação do que ‘é’. No sendo, o desdobramento simbólico ocasiona aquilo que se mostra. Em um caso tratado por Freud, o caso Dora, as três ‘reversões dialéticas’ passam a situar a verdade que, então, é levada a se manifestar.

Na realização das reversões fica claro como o ‘real traumático’ tende a ser evitado: Dora insiste em ignorar o modo como o seu desejo já atua. Sobre o modo como a ordenação simbólica se constitui – ordenação sobre a qual, aliás, a paciente de Freud vem à clínica se queixar – ‘aparentemente’ Dora não tem qualquer responsabilidade. Será, no entanto, no modo como o seu inconsciente se manifesta que essa responsabilidade ficará patente.

No caso Dora, a verdade se evidencia já quando essa jovem vai à clínica de Freud se queixar de sua situação familiar; em um segundo momento, sua fala, ao ser invertida, permitirá mostrar a situação narrada como um engendramento de seu próprio desejo. Esse desejo, mesmo estando oculto, se mostra bastante atuante, cabendo à situação analítica desvelá-lo de modo a encaminhar Dora à assunção daquilo que insiste em se ocultar de seu reconhecimento. Somente o confronto com isso que ‘rateia’, isto é, que insiste em não se fazer reconhecer, permitirá a Dora assumir como a verdade se realiza em sua existência.

É preciso contextualizar o caso: Dora, heterônimo de Ida Bauer, uma importante enfermeira, recorre ao tratamento proposto por Freud na virada do século XX. Estará em questão, sobretudo, um drama familiar. O pai de Dora, Philipp Bauer, é ‘conhecido’ de Freud e procura tratar-se com ele de uma “afecção vascular difusa” causada pela sífilis que lhe causa confusão mental e paralisia (Freud, 1905 [1901], 1996, p. 29, 30 e 31). A mãe de Dora é apresentada como sofrendo de uma “psicose da dona de casa” (idem, p. 30). Freud confere a esse enredo familiar o conluio da “costumeira atração sexual que une, de um lado, pai e filha, e de outro, mãe e filho” (idem, p. 31). Dora, além disso, era cuidada por uma governanta relatada como libertina que, após um desentendimento, fora dispensada. Dora recorre ao tratamento sofrendo com esse enredo familiar. Nas palavras de Freud: “Tampouco me era duvidoso que fora dessa família que ela derivara não só seus dotes e sua precocidade intelectual, mas também a sua

predisposição à doença” (idem, p. 30). Dora, que às vezes revela sentir ciúmes do próprio pai, às vezes atração pelo marido da amante de seu pai, e mesmo atração pela mulher desse senhor, a Sra. K, permite ao psicanalista propor causas para o sintoma histérico que até então não haviam sido reveladas. Freud dá a entender que o pai de Dora mantém relações com uma amante, a chamada Sra. K.

Segundo Lacan, o criador da psicanálise parece encaminhar Dora para uma iniciação amorosa semelhante com o marido da Sra. K, o que resultaria em uma espécie de ‘troca de casais’: a Sra. K ficaria com o pai de Dora e Dora com o marido dessa senhora. Essa situação é fruto de uma interpretação precipitada, que, no entanto, permitirá a Lacan traçar “um primeiro desdobramento da verdade” como se lê a seguir:

Um primeiro desdobramento, exemplar, na medida em que somos levados de súbito sobre o plano da afirmação da verdade. Com efeito, Freud após ter sido colocado à prova: irá ele se mostrar tão hipócrita quanto o personagem paterno? Dora se engaja em seu interrogatório (da parte de Freud) (...) a Sra. K e seu pai são amantes desde tantos e tantos anos e o dissimulam sob ficções por vezes ridículas. Mas o cúmulo é que ela é assim ofertada sem defesa às assiduidades do Sr. K sobre as quais seu pai fecha os olhos, tornando-a desse modo objeto de uma odiosa troca. (Lacan, 1951, 1966, 1992, p. 91)

O “plano da afirmação da verdade” compreende a ordenação simbólica problemática que Dora narra e que se faz presente em seus sonhos. Lacan se questiona se cabe a Dora o papel de vítima. Seu pai, ao que parece, para estar com a amante, a Sra. K, teria ofertado Dora “sem defesa” às “assiduidades do Sr. K”. Nesse momento, Lacan questiona o modo como a verdade irá se desdobrar na situação analítica: será que Freud dará vazão à mesma hipocrisia “do personagem paterno”, condenando Dora, mais uma vez, à posição de vítima tanto do casal de amantes quanto do assédio do Sr. K? Veremos por que não é o caso de taxar de “hipócrita” a posição do criador da psicanálise. Terá lugar nesse primeiro momento da análise a “primeira reversão dialética”, que permite Dora distanciar-se da verdade para poder enxergar a sua própria posição no enredo sobre o qual ela se queixa: “*Uma primeira reversão dialética (...): (Freud) olha e lhe diz (à Dora), qual é a sua própria parte na desordem da qual reclama*” (Idem, p. 91).

A chamada ‘primeira reversão dialética’ diz respeito à perspectiva de que Dora venha a se distanciar do ‘sendo’, isto é, da ordenação simbólica que a envolve para poder ver como a verdade se desdobra em seu caso: o processo analítico permite-lhe sair momentaneamente dessa ordenação, de modo a poder enxergar o lugar que ocupa no drama narrado. Dora, ao narrar seu drama familiar, se permite ver, pois, as circunstâncias em que, a princípio, é jogada. O convite de Freud – de que Dora “olhe a sua própria parte na desordem da qual reclama” – a levará a considerar como é ela mesma quem se joga imaginariamente na confusão. Isto, ao mesmo tempo, a impede de ver a sua “parte”, isto é, o seu papel na situação. No caso de Dora, vemos ela não querer ver as formas do desejo. Para assumir essas formas como escamoteamento de seu próprio desejo e, assim, como passíveis de serem assumidas como partes do seu ser é preciso permitir ver-se. É o ‘permitir-se ver-se’ que inaugura a possibilidade da primeira reversão dialética; reversão essa a partir da qual se tornará evidente como Dora provoca as personagens do enredo a decifrar o enigma de sua sexualidade.

Lacan traz à tona, então, “um segundo desdobramento da verdade” capaz, por sua vez, de revelar em que medida Dora é cúmplice das mesmas situações de que se ressent: “Um segundo desdobramento da verdade: a saber, que não somente sob o silêncio, mas pela cumplicidade da própria Dora, ainda mais sob a sua proteção vigilante, que pôde durar a ficção que permitiu à relação dos dois amantes prosseguir” (Ibidem, p. 91/92).

Freud nos faz notar que Dora é cúmplice da relação que envolve seu pai e a Sra. K.: Ela os protege de modo a tornar possível essa relação. O que leva Dora a proteger os seres que são o principal motivo de suas queixas? À proporção que o tratamento tem lugar, Dora é instada a ter ciúmes do pai. Freud é, então, levado a supor a causa do desejo de Dora. Para Lacan, nesse momento tem lugar a “segunda reversão dialética”: Dora começa a demonstrar ter ciúmes do pai, mas seu verdadeiro “objeto de desejo” é outro. Por traz desse ciúme, terá lugar o desvelamento desse “real objeto de desejo”:

A segunda reversão dialética, que Freud opera por esta observação de que absolutamente não se trata aqui do objeto pretendido de ciúme (de Dora sobre o seu pai, interessado, por sua vez, na Sra. K.) que fornece o verdadeiro motivo, mas que ele (o ciúme) esconde/mascara um interesse pela pessoa do sujeito-rival, interesse cuja natureza muito menos assimilável ao discurso comum só pode se exprimir sob esta forma invertida. (Ibidem, p. 92)

A “segunda reversão dialética” aponta como se realiza o processo de ‘inversão do discurso’<sup>4</sup> no caso Dora: o processo de ciúme da paciente de Freud já é uma inversão de sua narrativa, no que diz respeito aos signos de sua sexualidade. No âmbito do discurso familiar, isto é, no plano do discurso do outro, com ‘o’ minúsculo, Dora sente ciúmes. Mas a atuação de seu desejo se esconde sob o signo desse ciúme.

Lacan considera que se isso acontece é porque o desejo de Dora não seria “assimilável pelo discurso comum”. A ideia de que Dora receba a fórmula invertida de sua sexualidade da amante de seu pai não seria assimilável por esse “discurso”, que, no entanto, aceita que a filha tenha ciúmes do pai. A segunda reversão dialética questiona, pois, o interesse que Dora mantém pela amante do pai: a quem, afinal, Dora coloca a questão de sua feminilidade? Para seu pai ou para a amante de seu pai? A questão que Lacan evidencia e que Freud já demorara a notar é que o ciúme de Dora esconde/mascara um desejo pela Sra. K. É preciso perguntar: o que significa a presença dessa senhora para Dora? A Sra. K é quem aparentemente é capaz de responder às questões as quais Dora se coloca na virada do século, e que permitem a Lacan, por sua vez, evidenciar o “terceiro desdobramento da verdade”, a saber, o estatuto projetivo de Dora com relação à Sra. K. Esse estatuto se anuncia na seguinte passagem como um “terceiro desdobramento da verdade”:

Um terceiro desdobramento da verdade: o fascinado apego de Dora por Sra. K (‘a brancura radiante e arrebatadora de seu corpo’), as confidências que ela ouve, até um ponto que permanecerá insondado, sobre o estado de suas relações com o marido; o fato patente de suas trocas de bons procedimentos como embaixatrizes mútuas de seus desejos em relação ao pai de Dora. (Ibidem, p. 92/ 93)

Em seu terceiro desdobramento, a verdade surge como desvelamento do “real objeto de desejo de Dora”. Se Dora insta a Sra. K a uma vigilância con-

---

4 Segundo Lacan, para adquirir sua significância, os significantes precisam ser lançados e recebidos. Esse mecanismo é um processo em que são circunscritas, a cada vez, significâncias possíveis. No momento em que os significantes são lançados são também invertidos e recebidos, ainda que nessa recepção esses significantes divirjam radicalmente do modo como foram lançados, a fala ganha uma significação possível e pode vir a ser rearticulada em proveito de compreensibilidade.

sentida, é porque pretende desvendar o caráter de seu próprio desejo com base nessa vigilância. A Sra. K desperta em Dora um grande fascínio, “o mistério de sua própria feminilidade”. Nesse terceiro desdobramento, a verdade, como uma descoberta do tratamento, é capaz de levar-nos a uma “a terceira reversão dialética” evidenciada em: “(A) terceira reversão dialética (é) aquela que revela o valor real do objeto que é Sra. K para Dora. Quer dizer, não uma pessoa, mas um mistério, o mistério de sua própria feminilidade, em outros termos, de sua feminilidade corporal” (Ibidem, p. 93).

Vê-se em que medida está em jogo na “terceira reversão dialética” a compreensão de que Dora deseja auscultar o seu próprio ser, à “sua própria feminilidade corporal” como “um mistério” despertado pela Sra. K. Capaz de evocar “o valor real do objeto”, essa senhora terá o papel de revelar, para Dora, o papel de sua feminilidade, sua sexualidade em atuação no conluio familiar. A situação se mantém nestes termos até o dia em que uma terceira personagem surge e rompe com a situação que Dora aparentemente desejaria manter. E é Lacan quem nos introduz ao desfecho do caso:

O Sr. K teve apenas tempo de dizer algumas palavras, é verdade que decisivas: “Minha mulher não significa nada para mim.” E já sua audácia tinha sido recompensada: uma bofetada, a mesma da qual Dora sentirá, bem após o tratamento, a consequência violenta em uma nevralgia transitória que vem a significar ao inadequado: ‘Se ela não é nada para você, o que é você então para mim? (...) a phantasia latente da gravidez que seguirá a essa cena, não coloca objeções a nossa interpretação: é notório que ela se produz nas histéricas em função mesmo de sua identificação viril. (Ibidem, p. 97)

O Sr. K leva uma bofetada de Dora após confessar a ausência de significância de sua mulher para ele. A essa cena se segue que Dora sofre o sintoma de uma gravidez fantasiosa. O termo *Phantasia* designa algo, um significante, talvez um sintoma, que afastaria, ainda que momentaneamente, a incidência da castração. Realizando-se sob o modo de um ocultamento do real traumático, a *Phantasia* impede o reconhecimento desse real, que, por não ser reconhecido, passa a se manifestar de uma maneira intrusiva: “isto que não se mostrou como do simbólico, aparece no real” (Lacan, 1960, 1966, op. cit., p. 388) – afirma

Lacan já nos idos de 1954. O real, quando não reconhecido, afasta também a possibilidade de auscultar-se o desejo. O método analítico visa, como método de cura, permitir o reconhecimento desse real, capaz de levar a uma assunção da verdade. Já a questão da “identificação viril” que “se produz nas histéricas” é o seguinte: ao dar preferência inconsciente ao gênero masculino, em sua própria constituição, passa-se a ter como objeto ‘causa do desejo’ sua própria feminilidade. É notório que a ‘histérica’ atendida por Freud se afasta do assédio masculino, talvez por não saber lidar com ele: Dora, no momento em que é convocada pelo marido da Sra. K a se pronunciar com relação a esse senhor, sequer compreende o que está em jogo na frase “a minha mulher não significa nada para mim”. Subitamente, é desencadeado nela o sintoma da gravidez histérica. O movimento projetivo de Dora para com a Sra. K é interrompido. Ao desvelamento do mistério de sua própria feminilidade surge o fechamento que tem lugar junto ao sintoma histérico. Por que a sentença do Sr. K, ao invés de servir ao movimento de desvelamento da feminilidade de Dora, termina por desencadear o fechamento de seu ser? Podemos dizer que o movimento projetivo de Dora para com a Sra. K se dá como uma modalidade de morte imaginária: Dora morre, a cada vez que se encontra com a Sra. K. E essa realização projetiva se dá sob o julgo de uma feminilidade que para ela ek-siste como enigma.

Sobre o caráter *ek-sistente* do desejo, Lacan frisa:

Trata-se (em uma análise) de ensinar o sujeito a nomear, a articular, a fazer passar para a existência, esse desejo que está literalmente, para alguém da existência, e por isto insiste. Se o desejo não ousa dizer seu nome, é porque, este nome, o sujeito *ainda* não lhe fez surgir. Que o sujeito chegue a reconhecer e a nomear seu desejo, eis aí a ação eficaz da análise. (Lacan, 1955, 1987, p. 287, grifo nosso).

Antes de começar sua análise, Dora se situa como vítima, ocultando para si não só ao que sua existência se projeta, mas, fundamentalmente, a sua responsabilidade para com o desdobramento dessa existência nas circunstâncias narradas. A paciente de Freud retira-se, assim, da necessidade de “nomear, articular, fazer passar para a existência esse desejo que está literalmente para alguém da existência, e que por isto insiste”. Dora é aparentemente lançada nas situações de que se queixa, mas é ela mesma quem insiste em se jogar nessas situações.

Junto a esse enredo, seu ser dá provas de como morre: é o fascínio despertado pela Sra. K que dá provas da morte imaginária que Dora experimenta.

Um segundo encontro com o traumático, contudo, termina por interpor-se a essa modalidade de morte: o Sr. K, ao enunciar que “sua mulher não significa nada para ele” desconstrói o cenário fantasístico em que Dora teimava se jogar. A esse encontro se seguirá outra modalidade de retorno do recalcado: o fascínio despertado pela Sra. K dará lugar a um doloroso sintoma histérico. Dora não permite que Freud trabalhe esse retorno: a jovem desiste de sua análise no momento em que irrompe nela o sintoma da gravidez histérica. Algum tempo depois, porém, ela se dirige a Freud para afirmar que pôde enfim se confrontar com as personagens de seu universo simbólico e resolver parte de seus sintomas.

É a partir desse ponto da leitura lacaniana acerca do caso Dora que se torna possível afirmar: para ter acesso ao seu próprio ser, Dora é instada a jogar-se em um ritmo de abertura e fechamento de seu ser; quando o marido da Sra. K intervém, dá-se uma súbita diferenciação nesse ritmo, o que termina por causar-lhe o acirramento do sintoma histérico.

Depreende-se o seguinte: o modo inconsciente pelo qual Dora situa o seu ser é marcado por signos que abrem e fecham-no. Junto à presença da Sra. K., por exemplo, Dora se abre, ao ser instada pela fala do Sr. K, Dora se fecha, e assim por diante nos diferentes momentos de sua narrativa.

Dessa leitura, pois, é possível depreender que tanto o ‘desdobramento da verdade’ quanto ‘a reversão dialética’ inauguram no ser em questão uma alternância nos ritmos de abertura e fechamento, ou ainda, de desvelamento e velamento do desejo. Ao desvelamento se sucede um velamento: a insistência do real em não se fazer reconhecer, e sua sucessão inaugura ritmos passíveis de serem auscultados na análise. Primeiramente, trata-se de, com a fala, permitir ao ser em análise realizar um reconhecimento daquilo que escamoteia e que insiste em não ser reconhecido. Isso se realiza a partir de uma localização dos momentos em que têm origem as alternâncias de ritmo destacadas. Em um segundo momento do percurso analítico, o que está em jogo é destacar os acontecimentos do encontro com o traumático como pontuações da manifestação do ser, e em que pode ter lugar o desvelamento do desejo. Em um terceiro momento, o ser em análise reconhece as situações em que se joga como determinadas pelo seu desejo, de modo a conquistar a possibilidade de lançar-se para sua destinação originária.

Junto ao caso Dora, pois, Lacan introduz a questão do desvelamento do desejo como um momento de manifestação do ser. Será ainda partir da noção de *Dasein* (ser-aí) que essa manifestação ficará mais clara. O “*Dasein* da sexuali-

dade” (Lacan, 1964, 1988, p. 167) é um tema que permanece implícito ao longo da teoria lacaniana da década de 1950. Será, no entanto, somente no *Seminário XI* que esse tema passará a ser concebido explicitamente como a “hiância”<sup>5</sup> em que se alternam abertura e fechamento.

No caso Dora, no exposto pela fala da jovem atendida por Freud, há uma espécie de triangulação amorosa no ‘aí’ em que estão envolvidos Dora, seu pai e a Sra. K. Nesse ‘aí’ a brancura do corpo da Sra. K se revela para Dora e talvez também para seu pai: ambos são projetados em uma espécie de preocupação na qual a feminilidade da Sra. K se destaca. Essa projeção se realiza até o momento em que o Sr. K intervém e causa em Dora uma variação no ritmo do Ser que tem lugar em seu caso; momentaneamente esse ritmo passa a ser pautado pelo fechamento, e não mais pela abertura.

A partir da interpretação de Lacan somos levados a considerar que existe uma inter-relação entre as ‘tonalidades afetivas’ e a ‘ordenação simbólica’ enquanto modo de manifestação do ser. Já em *Ser e Tempo*, a tonalidade afetiva é apontada como ocasionada no mesmo instante em todos os seres que se situam em um mesmo ‘aí’:

A tonalidade afetiva me abate abruptamente (...). A afinação/humor não remete, de início, a algo psíquico e não é, em si mesmo, um estado interior que, então, se exteriorizasse de forma enigmática, dando cor às coisas e pessoas. Nisto mostra-se o segundo caráter essencial da disposição (disposição circunscrita junto à tonalidade afetiva): ela é um modo existencial básico da *abertura igualmente* originária de mundo, de copresença e existência. (Heidegger, 1927, 1986, 1, p. 191)

No Dasein da sexualidade de Dora quem guia é o mistério da feminilidade, que surge como o motor a partir do qual gira o destino singular desta personagem e dos outros seres que ela envolve em uma ‘mesma tonalidade afetiva’ com o fito de poder auscultar esse mistério. Ao ser interposto pela fala intrusiva do Sr. K, contudo, esse mistério torna a ocultar-se. O véu a partir do qual surge o desvelamento da verdade é o mesmo véu que colabora com o seu velamento.

<sup>5</sup>A noção de hiância, contudo, já se apresenta no *Seminário II*, p. 222.

## Conclusão

O modo como Lacan elabora a noção heideggeriana de projeção antecipativa é capaz de aproximar-nos da questão que o psicanalista buscará tratar junto à noção de Dasein da sexualidade: trata-se de deixar vir à fala situações em que o ser que sofre passaria a se jogar. Nessas situações vem à tona uma experiência de morte imaginária que dá a ver como o *Dasein* é sobretudo fruto do arranjo de sua sexualidade. Quando a morte imaginária se realiza, essa experiência é igualmente capaz de descortinar o modo como os seres se situam, como se dá a organização simbólica dos seres que se queixam na clínica e fora dela. Nesse momento se torna possível também auscultar o Real, que surge no plano da manifestação do ser.

A ordenação simbólica, que situa as personagens em cada situação existencial e que é tematizada por Lacan a partir do caso Dora serve como véu onde é refletida a situação existencial de Dora. Assim como Dora passa a *ek-sistir* para o enigma de sua feminilidade quando confrontada à aparição da Sra. K, é por conta da manifestação do ser se configurar a partir de determinada ordenação simbólica que a aparição da feminilidade pôde ter lugar. Ao mesmo tempo essa feminilidade só pode ser lida como tal a partir do modo como a Sra. K se situa perante o véu do inconsciente, ou antes, como esse véu mesmo a situa. É esse véu que faculta o advento da “posição feminina” que tanto fascina Dora. Cabe ao processo analítico auscultar os momentos e o modo como o ser se manifesta e acarreta a morte imaginária. Cabe a esse processo, além disso, conduzir o ser nele em questão à assunção do desejo em jogo nessa morte, nessa derrelição, de modo que a possibilidade de desvelar o que move o desejo se enuncie.

Recebido em: 21.04.2013 | Aprovado em: 10.01.2015

## Referência Bibliográfica

Freud, S.. (1901-1905) “Um caso de histeria”, (Vol. 7). In: *Obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, direção geral da trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1915-1920). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. vol. II. Trad. Claudia Dornbusch, Helga Araujo, Maria Rita Salzano e Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Francalanci, C. *Amor, Discurso, Verdade – Uma inter-*

*pretação do Sympósion de Platão*, Vitória: EDUFES, 2005.

Heidegger, M.. *Logos*. Trad. Jacques Lacan. Paris: *La Psycanalyse* n.1, 1956.

\_\_\_\_\_. (1949) *III Questions. Le chemin de campagne, L’expérience de la Pensée, Hebel – Lettre sur Le Humanisme et Serenité*. Trad. André Préau, Roger Munnier e Julien Hervier. Paris: Gallimard, 1962.

\_\_\_\_\_.(1927) *Ser e Tempo*. Parte I e II. [Sein und Zeit] (M. Cavalcante, trad.). Petrópolis (RJ): Vozes, 1986.

Hoffmann, C. “O sujeito e seus modos de gozo”. In: *Ágora* (Rio J.), Jun. 2012, vol.15, no.1, p.9-13, artigo disponível em <http://www.scielo.br/pdf/agora/v15n1/v15n1a01.pdf>, acesso em 20/09/2012.

Lacan, J.. (1953) *O mito individual do neurótico*. [Le mythe individuel du névrosé ou Poésie et vérité dans la névrosé]. (B. Cunha, F. Bernardo, M. Medeiros, T. Cunha, trad.). Lisboa: Assírio e Alvim, s/d.

\_\_\_\_\_.(1951). *Intervenção sobre a Transferência*. In. *Escritos*. (I. Oseki-Depré, trad.). (3a ed.). São Paulo: Perspectiva, 1992. (pp. 87-99).

\_\_\_\_\_.(1954). *Réponse au commentaire de Jean Hyppolite*. In. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. (pp. 381-399).

\_\_\_\_\_.(1956). *Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista em 1956*. In. *Escritos*. (op. cit.). (pp. 189-222).

\_\_\_\_\_.*O Seminário: Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. (M.C. Penot, trad.). (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

\_\_\_\_\_.*O Seminário: Livro III. As psicoses*. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988a.

\_\_\_\_\_.*O Seminário: Livro II: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. (M.D. Magno., trad.). (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988b.

PLATÃO. *Diálogos. O Banquete. Apologia de Sócrates*. trad. Carlos Alberto Nunes. 2ª-ed. Belém: EDUFPA, 2001.